



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Doviglio Gianella FG184

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.033.SIN-TRA

Entrevistado/a: Doviglio Gianella

Entrevistador/a/es: Sônia Storchi Fries e Susana Storchi Grigoletto

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 01 de fevereiro de 1996

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

Festa do Cinquentenário da Imigração (1925): exposição.

História das Festas da Uva (desde 1931).

Administração pública: Celeste Gobbato.

Festas da Uva: prefeitos, governadores, presidentes e rainhas de cada festa.

Festa da Uva de 1950: local de realização, apresentação de coral, orquestra, e o músico Pedro Raymundo.

Festa da Uva de 1954: visita de Getúlio Vargas.

Evolução da construção de carros alegóricos: das carretas aos tratores e a confecção de carros mais elaborados.

Desenvolvimento de Caxias do Sul e cidades vizinhas (antigos distritos).

A Festa da Uva como inspiração para a realização de festas regionais temáticas.

Festa da Uva (1996): volta às raízes.

Envolvimento do Lanificio Gianella nas exposições da Festa da Uva: criativa exposição do cobertor Mostarda (produto exclusivo do Lanificio) confecção, e participação nos desfiles da festa: elaboração de carros alegóricos.

Festa do Centenário da Imigração (1975): inauguração do Parque de exposições Centenário, visita e homenagem ao presidente da Itália Giovanni Gronchi.

Preparação da cidade para a Festa da Uva: hospitalidade.

Escolha das rainhas da festa: mudanças.

Transcrição:

Sônia: Seu Doviglio, mais uma vez a gente esta aqui, o senhor vai falar... O senhor já nos deu um depoimento sobre a industrialização de Caxias e, como a gente sabe que o senhor participou

ativamente das Festas da Uva, a gente gostaria agora que o senhor falasse um pouquinho dessa vivência. Seu Doviglio, o que o senhor lembra das primeiras Festas da Uva, desculpe, antes o seu nome completo, a data do seu nascimento?

Doviglio: Bom, o meu nome é Doviglio Gianella, nascido no dia vinte e sete de dezembro de 1916, no distrito de Galópolis, Caxias do Sul.

Sônia: Seu Doviglio, o que o senhor lembra das primeiras Festas da Uva?

Doviglio: Bom, eu devo voltar um pouco ao passado, porque o que me marcou muito, quando criança, eu tinha nove anos, foi a Festa do Cinquentenário, realizada no Nono Batalhão de Caçadores, hoje o Terceiro Grupo de Canhões automáticos antiaéreos, foi um início fantástico. Caxias já começou a fazer uma das primeiras exposições feitas no sul do Brasil. Foi um êxito fantástico! Foi uma exposição feita no Terceiro Grupo de Canhões Automáticos Antiaéreos, atual e antigo Nono Batalhão de Caçadores. Foi uma festa fenomenal, me marcou muito e eu tinha nove anos.

Susana: E depois...

Doviglio: E, logicamente, que depois, então, vieram as primeiras Festas da Uva, que aconteceram, mas que eu não me lembro, em 1931, que, então foi o Joaquim Pedro Lisboa, que não me lembro, não me lembro. A de [19]32, o [Dante] Marcucci também... não me lembro muito bem, eu era muito novo. Agora, a que marcou muito também foi a festa, onde foi eleita a primeira rainha a Adélia Eberle, que tinha como prefeito o Miguel Muratore e presidente o Celeste Gobatto, um homem extraordinário, que trouxe as viníferas da longínqua Itália. E depois, então, desta festa de [19]33, em 1934, sob a presidência do Joaquim Pedro Lisboa, veio também a eleição de Odila Zatti. E as Festas eram realizadas no pavilhão erguido na Praça Dante, ex-praça Rui Barbosa. Aliás, todas as festas naquela época, até 1937, eram realizadas na Praça Dante. Em 1950, esse espaço de treze anos, como falou o meu amigo Aldo de Antoni, esse espaço ele foi também esvaziado um pouco pelos acontecimentos da [Segunda] Guerra. O impacto da guerra, compromissos inadiáveis pela própria ditadura, então como presidente Getúlio Vargas, isso inibiu muitas coisas e posso te ser sincero, o povo de Caxias estava muito cansado com sucessivas Festas da Uva. Então, houve uma espécie de férias... entre 1937 a 1950. Essa de 1937 foi presidida pelo saudoso Dante Marcucci, o homem, pra mim, responsável pelo grande progresso de Caxias do Sul. Depois então, destes treze anos veio o Júlio Ungaretti, que fez ressuscitar a Festa da Uva, porque ela estava completamente esquecida. E, então, como prefeito Luciano Corsetti, como governador Walter Jobim, presidente Eurico Gaspar Dutra que veio, foi realizada como o meu antecessor Aldo De Antoni confirmou, que foi realizada na Cooperativa Madeireira Caxiense. Ali aconteceram fatos fantásticos como a

apresentação de um coral de cento e vinte figuras e uma orquestra também de cento e vinte figuras, onde cantamos a famosa ária... *Bevian, Bevian Compare*, cantado por cento e vinte figuras, com sete vozes. Coisa extraordinária! Deve estar gravado na Rádio Caxias do Sul, se alguém tem o disco, foi gravado. E outro fato extraordinário, que me marcou muito, foi o Pedro Raymundo. Depois da apresentação do coral, o Pedro Raymundo assumia e fazia vibrar aquelas cinquenta, sessenta mil pessoas que estavam lá dentro, com sua gaita e suas queridas canções. Pedro Raymundo [emoção], de saudosa memória [emoção]. Isto foi justamente naquela época na Cooperativa Caxiense, que hoje... lamentavelmente está caindo aos pedaços. Esta lá sendo destruída pela voragem do tempo que passa. Em 1954, Júlio Ungaretti comanda de novo a Festa da Uva, tendo governador, Euclides Triches como governador, aliás, como prefeito, desculpem, e governador Ernesto Dornelles, que muito apoiou a Festa da Uva. E... aqui, então, vem a figura de Getúlio Vargas, e foi inaugurado, então, o atual Centro Administrativo [Vinícius Lisboa]. Quer dizer, que todas as festas eram realizadas onde hoje é atualmente a prefeitura. Esta festa marcou muito Getúlio. Porque o Getúlio foi hospedado na casa de Júlio Ungaretti. A hospedagem... a hospitalidade da família Júlio Ungaretti foi tão extraordinária que Getúlio Vargas disse “Foram os dias mais felizes da minha vida!” [emoção]... A expressão de Getúlio Vargas ao receber aquela hospitalidade familiar de Júlio Ungaretti e todo o carinho de sua família, ele disse ao sair de Caxias do Sul “Foram... os momentos mais felizes da minha vida, eu os passei em Caxias do Sul, saboreando aquelas maravilhosas uvas, produzidas por esses heroicos imigrantes italianos”. Palavras de Getúlio Vargas. E, sabemos todos, que quando Getúlio Vargas partiu de Caxias de volta para o Rio de Janeiro, teve o trágico fim... do suicídio que eu o ponho em dúvida até hoje. Esse foi um dos fatos que mais me marcou na minha vida: a presença de Getúlio, a volta dele ao Catete no Rio de Janeiro e em seguida o trágico desaparecimento [emoção]. Isso foi para o Brasil uma perda irreparável, para Caxias do Sul também. Mas, nós não podíamos esmorecer diante daquele sentimento de pesar que tomou conta do nosso coração com a perda de Getúlio Vargas, um grande gaúcho um dos maiores presidentes que o Brasil teve e, que poderia ajudar muito Caxias e muito o Rio Grande do Sul. Esta foi uma fase que marcou muito na minha vida, com os meus oitenta anos. E depois, então, desta fase de Getúlio Vargas, veio o João Conte, com Zila Turra, o Ildo Meneghetti como governador, o presidente Jucelino Kubitschek, como o Aldo falou, o Aldo de Antoni e, para chegar ao Otoni Mineghelli, ao Bertilo Witgen, ao Otoni Minghelli, que foi muito bem falado aqui pelo Aldo, que foi uma das festas que mais marcou, porque foi a construção das plataformas para a construção dos carros alegóricos. Porque não havia meio de construir os carros alegóricos. Depois, os carros antigos, eu volto um pouquinho, quero retroceder, os carros eram construídos com as carretas que se usavam na colônia, os carretões que transportavam os produtos desde... Vacaria,

Antônio Prado, Nova Trento, Caxias do Sul e São Sebastião do Caí, onde tinha um porto. Descarregava as mercadorias e daí, então, em navios eram transportadas para Porto Alegre. Então, construíam-se os carros alegóricos em cima desses carretões puxados a boi, ou quem sabe com mulas também. Então, faziam-se verdadeiros carros alegóricos autênticos. Eram os colonos que construíam, eram as igrejas, eram as paróquias do interior, eram os colonos que faziam os desfiles das Festas da Uva no passado. Logicamente, que depois, com o correr do tempo, veio o trator. O trator, então, começou a substituir os bois e a puxar os carros alegóricos. E, também, houve uma transição. Ora, Caxias era essencialmente produtora de uva e era líder na produção de uva e do vinho de todo o Brasil. Depois se desmembrou Nova Vicenza, hoje, atualmente, Farroupilha, um grande produtor de uva; depois desmembrou Nova Trento, hoje Flores da Cunha, outro grande produtor de uva. Hoje é o segundo produtor de uva, pertencendo a Caxias do Sul. Depois houve o desmembramento de São Marcos, outro grande produtor de uva. Caxias, então, caiu para o quarto, quinto lugar. Mas, perdendo essa liderança de uva e do vinho, Caxias, pelo traçado da BR 116 foi se industrializando cada vez mais, é onde hoje nós temos as maiores empresas do Brasil no ramo de transportes: uma Marcopolo [S/A], uma Randon [S/A Implementos e Participações], uma Stedile [referência ao empresário Francisco Stedile], Agrale [Sociedade Anônima], Fras-le [S/A], Robertshaw [do Brasil S/A], Metalúrgica [Abramo] Eberle. Ela foi se industrializando em outros setores, quando a importância do vinho ia perdendo a sua importância. Então, isso se manifestava também nos desfiles de carros alegóricos. Isto é uma coisa interessante. Primeiro era a uva pura, então, os carros eram todos simples, puxados a boi. Eram enfeitados de parreira de uva, de frutas em geral, de produtos agrícolas. À medida que Caxias ia progredindo industrialmente, os carros foram ficando cada vez mais sofisticados, cheio de cores, coisas artificiais, carros gigantescos, carros monumentais, muito lindos. Chegamos a fazer um curso alegórico aqui que tinha mais de cento e cinquenta carros. Naturalmente que fugiam já um pouco das origens, mas representava a atividade de cada um, o desfile. Agora, atualmente... o atual presidente Nestor Perini, está tentando voltar as origens. É muito inteligente, é muito inteligente esta decisão: voltar às origens o desfile, que é o que está acontecendo. Houve um exagero em função do progresso, da indústria nos carros alegóricos. Agora estamos tentando voltar às origens, fazendo os agricultores desfilarem, os produtores de uva, mostrando afinal o que é a uva. E, aqui, eu ponho um aspecto muito importante que Caxias, ao começar nos festejos do cinquentenário, como eu já frisei, falei há pouco, chegando até as Festas da Uva, com o início do Joaquim Pedro Lisboa, de todas as Festas da Uva, ela, a Festa da Uva, idealizada em Caxias, serviu de exemplo não para o Rio Grande do Sul, mas pra todo o Brasil e toda a América do Sul, todo mundo imitou Caxias. Me sinto orgulhoso por isso. Porque ali apareceu a Festa do Arroz, a Festa do Trigo, a Festa da Bergamota, a Festa do Abacaxi, a Festa da Lã e,

naturalmente, todo mundo hoje [tem] é festa, é festa até em Bento Gonçalves, a Festa do Vinho, da Vindima, foi o exemplo que Caxias deu. Acho que isto tem uma importância fantástica, porque Caxias cresceu muito em função da Festa da Uva. E todas essas festas que acontecem no Rio Grande do Sul e no Brasil, mesmo até São Paulo despertou, porque São Paulo estava dormindo. Vivia em berço esplêndido com a exportação do café. E, com o exemplo dado por Caxias do Sul, também São Paulo explodiu, porque hoje é o maior centro industrial e comercial da América do Sul e, quem sabe, um dos primeiros de toda a América, que é São Paulo. Então, Caxias pode se orgulhar de ter sido exemplo primeiro que deu pra todos. E... para terminar, eu direi que... com o atual presidente Nestor Perini, um homem extraordinário, um homem de coragem, que dentro de uma crise é muito difícil fazer uma festa, meu Deus! Só um homem de capacidade, como é o Nestor Perini, tem a coragem, a audácia, a capacidade e a inteligência de conduzir esse certame, que ele é muito difícil, muito complicado e de uma grande responsabilidade, porque sempre recebeu Presidentes da República. Sempre vieram inaugurar as Festas da Uva, foram sempre todos os Presidentes da República. Então, esta, essa tradição tem que continuar e vai continuar graças ao atual presidente Nestor Perini.

Sônia: Eu só gostaria de fazer mais uma pergunta seu Doviglio. Eu sei que o Lanificio Gianella sempre participava ativamente das Festas da Uva, eram carros, *standers* lá nos pavilhões de exposição e, o *stand* do Gianella marcava muito, que eram aqueles bonequinhos que tremiam, eu queria que o senhor falasse de onde veio esta ideia de construir este *stand* e da participação da própria empresa Gianella [Lanificio Matteo Gianella Ltda] nas Festas da Uva?

Doviglio: Sim. A participação era natural, era *sine qua non*. Era o meu irmão o falecido Remo Gianella um grande entusiasta também da Festa da Uva. Tanto é que nos chegamos a construir quatro a cinco carros alegóricos, o Lanificio Matteo Gianella. E, nas exposições, também, nós participávamos muito. E numa dessas exposições, o meu irmão, o falecido Remo Gianella, bolou, teve a ideia feliz de construir dois bonecos. Colocou os bonecos em duas camas diferentes. Numa ele colocou o boneco coberto com o famoso *Cobertor Mostarda*. O nome *Mostarda* foi trazido do meu querido pai, Matteo Gianella, da cidade de Mostarda. Ele foi tirar a ideia daí o nome Mostarda, que foi tirado da cidade de Mostarda, porque lá tinha uns portugueses que habitavam em Mostarda, eles lavavam a lã, manualmente, cardavam a lã, manualmente, faziam o fio à mão, e faziam o *Cobertor Mostarda* à mão. E o meu pai foi buscar a ideia lá e, então, ele industrializou o Matteo Gianella. Então, esse era um produto tradicional que o Lanificio Matteo Gianella tinha. Ninguém fabricava isto, nem hoje não se fabrica, nem toda a América do Norte, do Centro e do Sul. Ninguém fabrica este tipo de *Cobertor Mostarda*. E ele, então, colocava no boneco um *Cobertor Mostarda*,

onde o velhinho, com uma barba compridinha branca, dormia plácida e docemente. E na outra caminha, ele colocava um cobertor comum, onde o mesmo velhinho, digo, um outro velhinho com barbas compridas, tremia de frio a noite inteira. E aquilo, então, as crianças, principalmente as crianças [risos]. Mas não era só para as crianças, era para jovem, para gente de idade também. Todo mundo achava extraordinário. E ele teve, fez sucesso durante umas oito ou dez exposições, que o Remo repetiu essa exposição com os bonecos que... um tremia de frio por causa do cobertor comum e outro dormia esplendidamente bem, por causa de um *Cobertor Mostarda*.

Sônia: E os carros, seu Doviglio, o senhor também participou na confecção de carros?

Doviglio: Sim. Nós construíamos os carros lá na própria indústria, no Lanificio Matteo Gianella. E nós muitas vezes botávamos Lanificio Matteo Gianella e depois não sabíamos o que botar, então, nós entregávamos pro Grêmio Esportivo Gianella, que pertencia aos nossos operários do Lanificio Matteo Gianella, fundaram o Grêmio Esportivo Gianella. Depois nós botávamos Cooperativa Aliança. Nós pedíamos o nome pra botar na frente dos carros, porque não... mas nós desfilávamos com quatro carros alegóricos, tal era o entusiasmo que nós tínhamos pela participação na Festa da Uva. E note bem, nós não éramos produtores de uva, nós éramos apenas produtores de tecidos de lã, cobertores de lã, palas, todos os artigos de pura lã dedicados ao inverno. Mas o entusiasmo contaminava a gente, então... se construía quatro, cinco carros alegóricos [risos], e se participava totalmente nas Festas da Uva. Sempre.

Sônia: Não sei seu Doviglio, o senhor fica a vontade...

Doviglio: Há uma coisa que me marcou muito, o Aldo De Antoni falou. Foi a Festa do Centenário, viu? Dirigida pelo Humberto Bassanesi. Dirigida por Humberto Bassanesi e que... foi uma coisa fantástica, viu? Com a inauguração do Parque de Exposições Centenário [Mário Bernardino Ramos], que é o atual lá em cima. Eu, para mim parecia um sonho. Como é que Caxias construiu isso aí? É graças a uma plêiade de heróis como: Bassanesi, Mario Bernardino Ramos, Mario David Vanin. E, não posso esquecer aqui nesse monumental desfile de nomes, um Darwin Gazzana, um Isaac Menegotto, Nair Menegotto, artistas que foram os responsáveis pelos grandes desfiles no passado de todas as Festas da Uva. Agora, o que me marcou também foi o presidente, o presidente da República Italiana, Giovanni Gronchi, que está lá a placa. Diz a placa o seguinte, aí em São Pelegrino. Impressionante! “Giovanni Gronchi, presidente da Itália, aqui esteve hoje em visita a nova pátria dos artífices que transformaram o Campo dos Bugres na moderna Caxias do Sul. Homenagem do município, treze de setembro de 1958.” Foi um mar de gente! A região colonial italiana se mobilizou, tomou conta da Júlio de Castilhos desde São Pelegrino até ao Monumento do Imigrante. Parecia um céu, parecia um paraíso de alegria, de manifestação de sentimento [emoção],

das palmas, alegria, saudando o Presidente da República Italiana. Desde São Pelegrino até ao Monumento [Nacional ao] Imigrante. Foi um dos fatos que me marcou mais, foi este aí. É a festa do centenário, que foi fantástica em todos os pontos.

Susana: Como é que a cidade se preparava para a festa?

Doviglio: A cidade de Caxias do Sul se preparava de um modo tão hospitaleiro e tão fantástico que todas as famílias de Caxias do Sul participavam, oferecendo as suas casas para a Comissão da Festa da Uva, para hospedar aqueles turistas que vinham conhecer esta fantástica festa tradicional da uva. E as famílias recebiam os turistas como se fossem gente de casa. Era uma coisa extraordinária! Pela falta de hotéis, falta de hospedagem. Então, esta é uma grande coisa que aconteceu em Caxias do Sul: as famílias de Caxias do Sul hospedarem todos os turistas nas próprias casas e nas próprias famílias, onde eram tratados de uma forma extraordinária. Isto também refletiu em todos os quadrantes do Rio Grande do Sul, do Brasil e da América do Sul e projetou esta Festa da Uva internacionalmente. Acredito que foi esta grande hospitalidade do povo de Caxias do Sul que participava diretamente e assumia a responsabilidade para que esta Festa da Uva tivesse êxito e sempre teve e sempre terá, porque o povo de Caxias do Sul é hospitaleiro, é bom, e daqui pra diante a Festa da Uva vai ser cada vez melhor.

Susana: Quer falar sobre as rainhas? Tem alguma coisa que o senhor gostaria de falar, de alguma ou das rainhas? Como eram escolhidas as rainhas?

Doviglio: Em geral eu falo.

Sônia: Em geral.

Susana: Em geral, é. Seu Doviglio, como eram escolhidas as rainhas da Festa da Uva? O que o senhor lembra a respeito?

Doviglio: Bom, aqui teve a escolha das rainhas, foi feita em diversos modos. Foi feita por votação, que depois dava muita... confusão. Depois então eram escolhidas nos próprios clubes e depois eram escolhidas pela comissão. Mas vamos deixar à margem as rivalidades que são naturais, a competição, porque é sempre competição, a rivalidade, que leva ao progresso. Todas as rainhas, começando pela primeira que é a...

Susana: Adélia Eberle.

Doviglio: Adélia Eberle, isto. Todas elas foram maravilhosamente bonitas. Parecia que elas tivessem vindo do céu para reinar aquele período e conduzir os destinos da Festa da Uva. Eram

rainhas que vinham do céu. Todas elas foram maravilhosas e daqui pra diante todas elas vão ser maravilhosas, porque elas são abençoadas por Deus, por isso que elas sempre terão êxito.

Sônia: Muito obrigada, seu Doviglio.

Transcrição em: 23 a 25 de abril de 1996.

Por: Sônia Storchi Fries.

Revisão em: 24 de dezembro de 2010, janeiro de 2019 e 10 de janeiro de 2025.

Por: Sônia Storchi Fries, Fabiana Zanandrea e Graciela Deon Rodrigues.

Duração: 25 minutos.

Observação: